

## HÁBITOS ALIMENTARES DO ACHIGÃ *Micropterus salmoides* (LACÉPEDE) NAS ALBUFEIRAS PÊGO DO ALTAR E SANTA CLARA POSTER

F. C. Godinho  
M. T. Ferreira

Departamento de Engenharia Florestal  
Instituto Superior de Agronomia, Lisboa

### SUMÁRIO

Foram determinados os hábitos alimentares desta espécie exótica em duas albufeiras do sul durante o Verão de 1990. Revelaram-se distintas nas taxa constituintes mas semelhantes aos descritos para a espécie no seu país de origem. Apesar de diferentes as dietas reflectiram em ambas as albufeiras iguais estratégias alimentares.

*Palavras chave:* dieta, estratégia alimentar, *Centrarquídeos*.

### INTRODUÇÃO

Introduzido em Portugal com fins recreativos em 1952, o centrarquídeo *Micropterus salmoides* apesar da polémica levantada pela sua disseminação em praticamente todas as albufeiras do sul, depressa se tornou numa das espécies dulçaquícolas mais importantes ecológica, desportiva e economicamente.

Embora existindo uma vasta bibliografia norte americana sobre a sua ecologia, são escassas as referências ibéricas e inexistentes em Portugal inserindo-se este trabalho num mais vasto sobre a adaptação da espécie aos nossos ecossistemas.

Sofrendo transformações no seu regime alimentar o achigã aumenta o tamanho das presas consumidas à medida que cresce (Heidinger, 1976). Começa por se alimentar de crustáceos zooplactónicos (*rotíferos*, *cladóceros* e *copépodes*) em seguida de insectos e peixe (*incluindo exemplares da própria espécie*) e finalmente quando adulto (> 20 cm) de peixes e lagostins de água doce (Miller, 1975; Heidinger, 1975, 1976) embora não desdenhe outras presas e tenha até sido treinado com sucesso a aceitar alimentação artificial (Heidinger, 1975, 1976). Estudos recentes espanhóis sobre a dieta do achigã apresentaram valores invulgarmente altos da componente insectívora para as classes de tamanho estudadas, peixes maiores de 14 cm (Sanchez, 1988; Jimenez, 1989).

Seleccionaram-se para o estudo dos hábitos alimentares as albufeiras de Pêgo do Altar e Santa Clara, que embora diferentes entre si (*Quadro 1*), se encontram entre aquelas onde a espécie melhor se adaptou e onde regularmente se capturam grandes exemplares.

*Quadro 1: Algumas características das albufeiras estudadas.*

	Pêgo do Altar	Santa Clara
área (ha)	655	1986
volume (milhões de m <sup>3</sup> )	94	485
prof. média (m)	14.4	24.4
utilização	rega	rega/abastecimento
veget. nas margens	esparsa	esparsa
veget. submersa	abundante	média/muito abundante
abrigo(*)	abundantes	abundantes
popul. de perca sol	muito abundante	pouco abundante
transparência	baixa	elevada
trofia(**)	mesotrofia	oligotrofia

(\*) árvores e arbustos parcialmente submersos, rochedos, etc.

(\*\*) grau trófico de acordo com Oliveira (1984).

## METODOLOGIA

O achigã apesar de ser muitas vezes encontrado na zona pelágica dos ecossistemas lênticos, desenvolve a maior parte da sua actividade alimentar junto à zona litoral (*Heidinger, 1975*). As colheitas foram realizadas nas margens das duas albufeiras durante o Verão de 1990. Os exemplares foram capturados no período pós-reprodutivo (*o achigã não se alimenta durante a reprodução: Heidinger, 1975, 1976*) numa altura em que o alimento consumido aumenta com a temperatura da água (*o achigã consome três vezes mais alimento a 20°C que a 10°C: Heidinger, 1976*).

### Amostragem

Os exemplares foram capturados junto à margem por meio de pesca eléctrica e pesca com cana e isco artificial. Recolheram-se um total de 71 exemplares para análise (38 em Pêgo do Altar e 33 em Santa Clara), sendo de imediato congelados.

### Alimentação

Na avaliação do regime alimentar utilizou-se um método misto que integra o número de presas ingeridas e o peso dos diferentes grupos presa. Para cada exemplar

eram anotados o número total de presas e o peso de cada grupo alimentar calculando-se com base nesses dados:

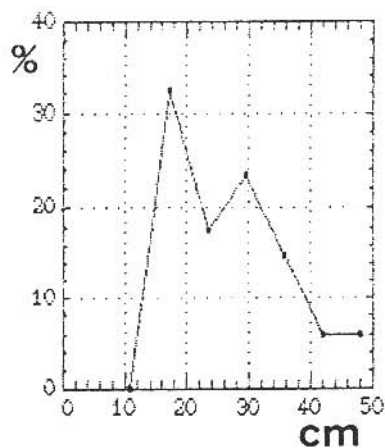
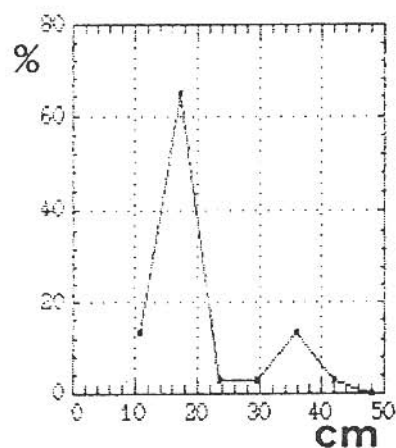
$C_n$  (*percentagem em número*) — relação entre o número de indivíduos de determinado grupo presa e o número total das presas.

$C_p$  (*percentagem em peso*) — relação entre o peso de determinado grupo presa e o peso total das presas.

$Q$  (*coeficiente alimentar*) — produto de  $C_n$  e  $C_p$  para cada grupo presa expressando-se no final o seu valor em %. Obtém-se com este valor uma boa estimativa da importância alimentar.

Os exemplares foram agrupados nas duas albufeiras em duas classes de tamanho: sub-adultos, entre 14 e 20 cm e adultos com mais de 20 cm. A composição percentual dos tamanhos amostrados em ambas as albufeiras encontra-se na Figura 1.

*Figura 1: Frequências relativas dos tamanhos amostrados em Pêgo do Altar (à esquerda) e Santa Clara (à direita)*



Na análise dos resultados utilizaram-se:

Índice de diversidade  $N_2$ :

$$N_2 = 1 : \sum_{i=1}^s P_i^2$$